

**Os ecos dos movimentos estudantis latino-americanos**

*The echoes of Latin American student movements*

*Los ecos de los movimientos estudiantiles latinoamericanos*

Danielle Barreto Lima\*

<https://orcid.org/0000-0002-9470-3780>

Resenha do livro: Dip, Nicolás. *Movimientos estudiantiles en América Latina: Interrogantes para su historia, presente y futuro*. Buenos Aires: CLACSO-IEC-CONADU, 2023.

**Como citar esta resenha:**

Lima, Danielle Barreto. “Resenha do livro *Movimientos estudiantiles en América Latina: Interrogantes para su historia, presente y futuro*, de Nicolás Dip”. *Locus: Revista de História*, 30, n.1 (2024): 221-226.

\*\*\*

O título da obra – *Movimientos estudiantiles en América Latina: Interrogantes para su historia, presente y futuro* – já orienta o leitor sobre o seu objetivo – como se espera de bons textos: apresentar um panorama dos movimentos estudantis latino-americanos que, a partir da discussão da história e análise do presente, possa também pensar o futuro, considerando as diferentes perspectivas de análise do movimento estudantil em diversos períodos e locais da América Latina, tais como Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, México e Uruguai, tendo como base os diferentes repertórios e debates que mobilizam os movimentos estudantis.

---

\* Doutoranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP (FCLAr – Campus de Araraquara/SP). Mestre em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autora do livro *CCC – Comando de Caça aos Comunistas: Do estudante ao terrorista (1963-1980)*, publicado pela Editora Almedina (Lima 2021). Membro da Red de Estudios sobre Conflictos Universitarios y Movimientos Estudiantiles (RECUME) e do Grupo de Estudios Sobre Movimientos Estudiantiles de América Latina y el Caribe (GEMEALC). E-mail: [danielle.b.lima@unesp.br](mailto:danielle.b.lima@unesp.br).

O autor do livro, Nicolás Dip, é doutor em História e sociólogo pela Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidade Nacional de La Plata (UNLP). Hoje, atua como investigador no Conselho Nacional de Investigações Científicas e Técnicas (CONICET) e é professor na graduação e pós-graduação na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e tem se dedicado à investigação dos movimentos estudantis, aos estudos sócio-históricos das esquerdas e à história recente das universidades e intelectuais da América Latina, com vasta e relevante produção acadêmica a respeito do tema, sendo, inclusive, um dos articuladores da Red de Estudios sobre Conflictos Universitarios y Movimientos Estudiantiles (RECUME) e do Grupo de Estudios Sobre Movimientos Estudiantiles de América Latina y el Caribe (GEMEALC), grupos que reúnem pesquisadores da área oriundos de diversas nacionalidades, incluindo acadêmicos brasileiros.

Por meio de interrogações que têm como principal objetivo suscitar reflexões, para além de serem respondidas exaustivamente, o autor analisa historicamente os movimentos estudantis latino-americanos, estabelecendo conexões entre a sua atuação no começo do século XX e o que agora se afigura. Para esta tarefa, dialoga com pesquisadores como Andrés Donoso (2020), Denisse Cejudo (2019), Marialice Foracchi (1969; 1972) e Ordorika (2022), entre outros. Sobre este aspecto, ainda que não se desconsidere a proposta e o que se espera de um livro de bolso, muito menos a qualidade e relevância da obra, importa apontar a dificuldade em atingir o objetivo de realizar um diálogo completo com a bibliografia produzida nos países latino-americanos. Pode-se citar, por exemplo, que, apesar de o Brasil ter vasta produção sobre o movimento estudantil em geral e sobre o ano de 1968 em particular, somente a obra de uma pesquisadora brasileira, Marialice Foracchi (1969; 1972), é citada.

Partindo da premissa básica que é determinar a natureza dos movimentos estudantis, o autor analisa sua importância, tomando como ponto de partida a Reforma Universitária de Córdoba de 1918. Em sequência, analisa o emblemático ano de 1968, com suas repercussões em diferentes países, tais como México e Brasil, sobretudo questionando se existiu um “68” latino-americano. Sua análise chega às experiências feministas contemporâneas dentro dos movimentos estudantis, ainda que também aponte a efetiva participação das mulheres em outros momentos da história.

Conceituar o que é movimento estudantil implica pensar que a sua existência depende de “organización política de los estudiantes con la finalidad de enfrentar problemáticas o enarbolar demandas que los inquietan como colectivo” (Dip 2023, 17). Para Nicolás Dip, ainda que os ativismos estudantis possam surgir de ações mais ou menos espontâneas, a consolidação como movimento estudantil depende de um certo grau de organização, coordenação e institucionalização, o que aponta para a necessidade de abandonar a ideia de uma educação despolitizada.

---

Discussão que atravessa os estudos sobre os movimentos estudantis é o duplo entre as dimensões política e educativa de sua atuação, já que as problemáticas estudantis unem demandas educacionais com outras que carregam fortes elementos políticos e sociais (Dip 2023, 19). Importa dizer que essa dita dicotomia entre a atuação política e estudantil foi bastante presente nos movimentos estudantis que atuaram contra o regime militar brasileiro (1964-1985), questão que existia, inclusive, entre os ativistas estudantis (Valle 2008).

Apresentando as posturas divergentes dentro das discussões feitas na academia sobre a importância, no âmbito acadêmico e além dele, dos movimentos estudantis – de um lado, há as que neguem a influência dos estudantes nos processos políticos; de outro, há as que enaltecem os movimentos com rituais que buscam a autocelebração –, o autor propõe que os estudos dos movimentos estudantis tenham como premissa uma análise que não se atenha a somente um dos pontos de vista, de forma a fomentar o debate a respeito do tema, explorando zonas menos conhecidas.

Exemplificando a importância de lançar luz a aspectos ainda pouco explorados sobre os movimentos estudantis, o autor reflete sobre os antecedentes da Reforma Universitária de Córdoba de 1918, destacando a importância do Primeiro Congresso de Estudantes Americanos, ocorrido em Montevideu em 1908, que exigia publicamente o direito dos estudantes de participar dos órgãos de governo universitário. Segundo Nicolás Dip, o encontro repercutiu sobremaneira no país anfitrião que, inclusive, acabou por aprovar uma lei orgânica universitária que reconhecia um conselheiro estudantil.

Outro grande marco dos movimentos estudantis analisado pelo autor é o “emblemático” ano de 1968. Para Nicolás Dip, ainda que essa data ainda seja utilizada para contar a história de um protagonismo estudantil ligado quase que com exclusividade ao “Maio francês”, estudos recentes mostraram que houve um “68” próprio, dentro da especificidade latino-americana. Surgindo de protestos estudantis, se uniu a outros setores da sociedade recebendo como resposta a repressão do Estado. Como exemplo, pode-se citar o ocorrido no México em 2 de outubro de 1968, em que estudantes foram massacrados pela polícia na Praça das Três Culturas de Tlatelolco, sem que a identidade dos agressores e a quantidade de vítimas tenham sido, até o momento, determinadas (Dip 2023, 33). Ainda que tal fato não seja mencionado pelo autor, importa dizer que, no mesmo dia deste massacre, ocorria, no Brasil, um evento que ficou conhecido como a “Batalha da Maria Antônia”, protagonizado pelo movimento estudantil e que terminou com a morte de um estudante e a destruição do prédio de uma faculdade que era uma espécie de reduto do movimento estudantil de oposição ao regime militar que vigorava no país (Lima 2021). Por fim, o autor entende o ano de

---

1968 como um marco que sintetiza a atuação dos movimentos estudantis nas duas décadas seguintes.

Com o olhar mais fincado no presente e no futuro dos movimentos estudantis, Nicolás Dip discorre sobre se, na atualidade, os movimentos estudantis estão vivos e se há “lugares-comuns” na história e no presente dos ativismos estudantis.

O autor, com a preocupação de não destacar de forma acrítica os movimentos estudantis, menciona que os exemplos trazidos por ele têm como objetivo questionar a ideia de parte da academia que aponta a apatia e a perda de vitalidade dos movimentos estudantis. Nicolás Dip contrapõe a perspectiva que, especialmente a partir dos anos 1990, declarou a “morte” do ativismo estudantil – ideia que guarda relação com o avanço do neoliberalismo – com exemplos de atuação dos movimentos estudantis, tais como a greve e a ocupação de uma das maiores instituições de ensino superior latino-americana, a Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), entre os meses de abril de 1999 e fevereiro de 2000. Ainda que o protesto tenha terminado com a prisão de estudantes, o objetivo dos ativistas estudantis foi atingido: a instituição permanece gratuita até os dias atuais.

Todavia, apesar da relevância da “Greve de 99 na UNAM”, o autor assinala a importância de não entender o evento como algo isolado: para tanto, exemplifica relatando o caso ocorrido entre outubro de 1986 e fevereiro de 1987, em que um movimento estudantil encabeçado pelo Conselho Estudantil Universitário (CEU) deteve as tentativas de reforma propostas por Jorge Carpizo, então reitor da UNAM, que tinham como objetivo aumentar os valores para matrícula, dificultar os critérios de ingresso e permanência, entre outras alterações. Depois deste feito, o movimento estudantil em questão conseguiu realizar, em 1990, um congresso universitário para a discussão de outras mudanças mais profundas, tais como a participação estudantil nos órgãos universitários. Todavia, por ter perdido a sua força, não foi capaz de levar a contento suas propostas de democratização da universidade (Dip 2023, 41).

Passando pela irrupção de movimentos estudantis da década de 1980 que enfrentaram governos militares e autoritários na Argentina, Brasil, Chile, Guatemala, El Salvador, entre outros, e um dito enfraquecimento dos movimentos estudantis da década de 1990 – motivado também pelos ataques à educação pública que vinham ocorrendo –, o autor chega ao século XXI, em que movimentos estudantis tais como a “Revolución Pingüina”, organizada em 2006 por estudantes secundários no Chile, conseguiu instituir a chamada Assembleia Nacional de Estudantes Secundários (ANES), que retomou os debates sobre o direito à educação após os processos de privatização e tarifação impostos pela ditadura de Augusto Pinochet. Nicolás Dip aponta que, anos depois, em 2011 e novamente no Chile, a Confederação de Estudantes Chilenos (CONFECH)

---

conseguiu tornar gratuita a educação e extinguir as instituições com fins de lucro. Neste ponto, é importante mencionar o apoio popular que, segundo o autor, o movimento estudantil recebeu. Apoio que, inclusive, “generó condiciones para el triunfo de la izquierda en las elecciones presidenciales de 2013” (Dip 2023, 44).

Além do caso chileno, o autor discorre sobre um grande protesto estudantil ocorrido na Colômbia, em 2011, em que estudantes universitários conseguiram impedir alterações na legislação que regulava a educação superior do país, uma vez que estas, além de apresentarem tendência privatista, impunham restrições ao autogoverno universitário. Segundo Nicolás Dip, os movimentos estudantis chileno e colombiano “se desarrollaron contemporáneamente a un conjunto de movimientos de escala global y con un fuerte componente juvenil” (Dip 2023, 46).

Destaque, no México, para o movimento “#YoSoy132”, em 2012, por “su capacidad de criticar el vínculo entre el autoritarismo del régimen político y el monopolio informativo de los grandes medios de comunicación” (Dip 2023, 47) e o movimento que surgiu em 2014, após o ataque violento a estudantes da Escola Normal Rural de Ayotzinapa, em 26 de setembro deste mesmo ano, que resultou na morte de 6 pessoas – uma delas estudante – e o sequestro e desaparecimento de 43 estudantes – dos quais não se sabe o paradeiro até então.

Ao tratar dos “lugares-comuns” que rondam o estudo sobre os movimentos estudantis, Nicolás Dip discorre sobre a importância de explorar outros períodos, atores e temáticas sobre o tema, tais como a participação das mulheres no ativismo estudantil. Segundo o autor, desde a segunda década do século XXI, o movimento feminista vem ganhando força nas universidades de toda região, denunciando a violência contra a mulher e as questões de gênero no interior das instituições escolares.

Outra zona que merece atenção refere-se à atuação dos estudantes alinhados politicamente às pautas da direita política e que também atuam nos espaços estudantis. Por fim, o autor assinala a importância de analisar a história dos movimentos estudantis para além dos eixos regionais que recebem o foco nas pesquisas, quais sejam, Brasil, Argentina, Chile, México e suas capitais.

O autor usa a metáfora dos ecos – “grandes temáticas y debates que se van deshilvanando en múltiples controversias” (Dip 2023, 65) – para iniciar seu livro e retoma a questão ao finalizá-lo. Como ecos, as perguntas que orientam, organizam e finalizam cada um dos capítulos do livro, ressoam como aporte para que se olhe de maneira holística para os movimentos estudantis latino-americanos, para que se pense a sua importância e protagonismo não só no âmbito universitário, mas além dele.

Nicolás Dip adverte, logo no início do seu texto, que sua obra é um “libro de bolsillo”, por sua característica de condensar, em poucas páginas, os temas que busca tratar (Dip 2023, 15). O

que se sente ao final da leitura, entretanto, é mais que isso: o livro pode ser denominado assim não só pela quantidade de páginas – e pela árdua tarefa de discorrer sobre um tema tão relevante em tão curto espaço –, mas pelo fato de, mesmo após seu término, seguir acompanhando o leitor – como um bom “libro de bolsillo” –, por meio dos ecos das interrogações que ele propõe e das reflexões que suscita, elementares para quem se interessa e pesquisa o tema.

### Referências bibliográficas:

- Cejudo Ramos, Denisse. “Para analizar los movimientos estudiantiles”. *Revista Conjeturas Sociológicas*, n. 20 (2019): 134-153.
- Donoso, Andrés. “Movimientos sociales y teoría sociológica en América Latina: Conversación con Breno Bringel”. *Cuadernos Americanos*, 1, n. 171 (2020): 109-126.
- Foracchi, Marialice. “1968: El movimiento estudiantil en la sociedad brasileña”. *Revista Mexicana de Sociología*, 31, n. 3 (1969): 609-620.
- Foracchi, Marialice. *A juventude na sociedade moderna*. San Pablo: Ed. de São Paulo, 1972.
- Lima, Danielle Barreto. *CCC – Comando de Caça aos Comunistas: Do estudante ao terrorista (1963-1980)*. São Paulo: Edições 70, 2021.
- Ordorika, Imanol. “Student movements and politics in Latin America: A historical reconceptualization”. *Higher Education*, 83, n. 2 (2022): 297-315.
- Valle, Maria Ribeiro do. *1968: O diálogo é a violência: Movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

\*\*\*

Recebido: 18 de março de 2024

Aprovado: 24 de junho de 2025